



HAL
open science

Narratives of Atauro: what oral tradition tells us about the history of an island

Dominique Guillaud

► **To cite this version:**

Dominique Guillaud. Narratives of Atauro: what oral tradition tells us about the history of an island. Dialogos, Journal of Foreign Languages Departments, 2021, 6, 10.53930/348523 . ird-03498048

HAL Id: ird-03498048

<https://ird.hal.science/ird-03498048>

Submitted on 20 Dec 2021

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

AS NARRATIVAS DE ATAÚRO: O QUE DIZ A TRADIÇÃO ORAL SOBRE A HISTÓRIA DE UMA ILHA¹

Dominique Guillaud²

Resumo: O território da ilha de Ataúro, em Timor Leste, tem sido objecto de conflitos internos entre os três grupos dialetais que compõem a população, revelando as difíceis condições de vida numa ilha com recursos hídricos limitados. As narrativas sobre o lugares fornecidas pelos habitantes permitem-nos compreender as representações do espaço da ilha e formular algumas hipóteses sobre o seu assentamento. O artigo explora a mitologia do nascimento da ilha, a oposição criativa dos irmãos mais velhos e mais novos, e menciona outras povoações aniquiladas ou conquistadas, todas encarnadas na paisagem que suporta as narrativas. Estas histórias revelam a alternância da unidade insular e da singularidade, a volubilidade das antigas alianças e a centralidade dos ilhéus na sua ilha, um microcosmo do mundo.

Palavras-chave: Ataúro; território; ilha; narrativas; mitos; ocupações antigas; recursos hídricos; *borassus flabellifer*.

NARRATIVES OF ATAURO: WHAT ORAL TRADITION TELLS US ABOUT THE HISTORY OF AN ISLAND

Abstract: The territory of the island of Atauro, in Timor Leste, has been in the past the subject of internal conflicts between the three dialectal groups that compose the population, revealing the difficult life conditions on an island with limited water resources. The narratives about places given by the inhabitants allow us to understand the representations of the island space and to formulate some hypotheses on its settlement. The article explores the mythology of the birth of the island, the creative opposition of the elder and younger brothers, and the mentions of other populations that were annihilated or conquered, all of which are embodied in the landscape that supports the stories. These stories reveal the alternation of insular unity and singularity, the fickleness of ancient alliances and the centrality that the inhabitants give to their island, a microcosm of the world.

Keywords: Atauro; territory; island; narratives; myths; ancient occupations; water resources; *borassus flabellifer*.

¹ Este artigo é uma versão tirada de um texto em francês publicado em 2019 nos *Carnets du Paysage* sob o título “les narrations d’Atauro” (As Narrativas de Ataúro). Gostaria de agradecer a Laure Emperaire por sua ajuda com a tradução para o português.

² Institut de Recherche pour le Développement, UMR PALOC, Paris; projeto POPEI-Coll ANR-18-CE27-0020-02. <https://doi.org/10.53930/348523>

Ataúro tem uma superfície de 140 km² e sua população era de aproximadamente 8.000 habitantes em 2015 (Direção Nacional de Estatística de Timor-Leste). Localizada a cerca de 25 km ao norte da capital do Timor Leste, Dili, está integrado na mesma unidade administrativa. Entre outras características se destaca a diversidade de seus ecossistemas e recursos. Substratos vulcânicos e coralinos alternam-se, evidenciando diferentes episódios de uma gênese complexa (Ely, 2009). As diferenças altitudinais geram diferenças significativas nas temperaturas e na pluviometria. Na região de Macadade, no sul (figura 1), acima de 500 m de altitude, a vegetação e as culturas, muitas vezes em solos profundos, apresentam uma relativa diversidade; acima de 600 m, encontram-se áreas relictuais de floresta tropical, onde crescem grandes bambus, muito procurados como recipientes ou material de construção. É também nessa parte sul da ilha que se concentram as nascentes mais importantes, que nunca secam.

O substrato da parte norte da ilha, por sua vez, é formado em grande parte por terraços de corais. Os solos em grande parte se reduzem à rocha. Não há recursos hídricos perenes. Durante a estação seca, de maio a dezembro, a água é encontrada apenas em alguns poços, muitas vezes salobros e que, de acordo com a tradição oral, foram antigamente cavados pelas tripulações dos navios Sulawesi³. No norte, a água é o maior fator limitante para a ocupação humana, situação que contrasta com um sul relativamente bem provido nesse recurso.

OS DESAFIOS DE UM ESPAÇO INSULAR DIFERENCIADO

Dessa diferença de condições resultaram intensas rivalidades das quais os habitantes conservam a memória. A paisagem é marcada por pequenos muros de pedra reforçados com galhos e alinhamentos de pedra definindo limites

³ A propósito, sabe-se pelas contas locais que navios de Macassar (uma cidade na Indonésia e capital da província de Sulawesi Sul) uma vez passaram; de acordo com Clark & May (2013), esses navios passavam por eles desde pelo menos o século XVII, coletando pepinos do mar.

tanto entre áreas cultivadas, quanto entre áreas culturais e *casas*⁴. Os habitantes guardam na memória as múltiplas guerras e escaramuças que aconteceram para ampliar e garantir seus territórios⁵.

Nessa ilha, a água parece ter sido uma questão importante: até algumas décadas atrás, os habitantes do norte tinham que realizar longas expedições em busca de água em direção ao sul, por exemplo, de Vatu'u a Adara ou ainda mais longe. Com a chegada dos Indonésios em 1975, a instalação de uma canalização que recolhe a água das nascentes da parte sul e a leva até os assentamentos do norte tem aliviado essa pressão, pelo menos durante parte do ano; o dispositivo foi melhorado após a independência do país. No entanto, a água não chega em algumas localidades como Arlo, Akrema ou Vatu'u, e somente as cisternas que se enchem na estação chuvosa a conservam durante alguns meses.

Outros conflitos assolaram esse território e até hoje se prolongam. Há conflitos fundiários cuja resolução passa por reuniões de “mestres da palavra” (*lia na'in*) que debatem, durante dias a fio, da propriedade de uma área ou de uma parcela de terra. Pois o território é controlado pelas histórias enunciadas pelos legítimos mestres da palavra no âmbito das *casas*. Eles enumeram os elementos marcantes da paisagem e seus topônimos. Nomear lugares e expressar saberes a eles associados é uma prova de um verdadeiro conhecimento e a fala é controlada pelos ancestrais que podem castigar aqueles que não falam a verdade.

⁴ Todas as sociedades timorenses estão organizadas em torno de *casas* no sentido antropológico (o grupo social básico), definido mais por uma referência construída ao longo do tempo e dentro de um território do que por regras precisas de parentesco e aliança (Barraud, 2015). As sociedades locais de Ataúro estão hoje organizadas em torno das casas-mãe (Ruma Inan), que correspondem aproximadamente à noção de clã, que foram subdivididas ao longo do tempo e viajam em casas-filhas (Ruma Anan).

⁵ As ocupações mais antigas de Ataúro são datadas até agora de 18.000 anos (Galipaud et al., 2016); os níveis neolíticos, com cerâmica, são datados de 3.200 anos (Galipaud, 2015). A cronologia recente é baseada em episódios religiosos e coloniais: chegada da Igreja Católica e da administração portuguesa por volta de 1900-1910 (Leite de Magalhães, 1916), passagem dos japoneses em 1942, invasão indonésia entre 1975 e 1999, e independência em 2002. Entre a pré-história e a história recente há pouca informação e a memória das genealogias é frequentemente limitada a três ou quatro gerações. Nos séculos XVII e XVIII, navios europeus e locais (Buton, Ternate, Macassar, Hera) navegaram através do comércio de sândalo. Estas atividades causaram grande insegurança na ilha; os sequestros ainda são recordados.

Os relatos sobre os lugares e sua história se revelaram ser um instrumento de aprendizagem sem par para entender as representações do espaço insular e seus desafios⁶. Eles ajudam a entender os discursos que sobrepostos ao longo do tempo conformam uma sucessão de camadas e a esclarecer a dinâmica dos povoamentos com seus territórios, o que até agora não tinha sido explorado em Ataúro.

A identidade da ilha se define de uma forma contextual. Frente ao mundo exterior, a origem dos grupos é nivelada numa narrativa por todos conhecida o que permite evidenciar uma unidade na ilha. Seu foco é o ponto mais alto da ilha, o Monte Manucoco, cujo cume rochoso emerge a 960 m de uma coroa de florestas. De toda a sua elevação, este cume materializa um discurso preeminente, que as relevantes diferenças locais tornam mais complexo ou até mesmo contestável.

A HISTÓRIA DA UNIDADE DA ILHA

Os habitantes ficam bastante surpresos que possa se ver um vulcão em Ataúro: pois a ilha teria nascido do esforço combinado de dois (ou três) irmãos, dependendo das versões, que literalmente a arrancaram do mar. Colocados costas contra costas no topo do que era então uma pequena ilha, cada um disparou uma flecha numa direção diferente e, onde sua flecha caiu, o mar recuou. A flecha do mais velho caiu para o norte, para Akrema, a do segundo para Maquili, e a do mais novo para Berau (figura 1). Cada um dos irmãos saiu para buscar sua flecha e, ao longo de seu percurso, descobriu e nomeou os lugares, as coisas e as pessoas encontradas.

Estas flechas definem territórios com diferentes potenciais e áreas dialetais. O primogênito e o caçula dos três irmãos estavam em constante confronto, tendo o primeiro recebido todas as riquezas de seu pai e o segundo

⁶ As informações que alimentam esta reflexão foram integralmente fornecidas pelos próprios ilhéus, levando à descoberta da ilha, à primeira vista, através das representações de seus habitantes, também em relação ao que se conhece sobre os assentamentos e suas modalidades na região. As entrevistas foram realizadas em indonésio, com ou sem um intérprete, durante várias missões na ilha desde 2015 (ver lista de informantes).

todo seu conhecimento. As histórias de suas brigas evidenciam a rudeza e os constantes ciúmes do mais velho e essas brigas incidem sobre recursos vegetais emblemáticos como o inhame (*Dioscorea* sp.), o *Canarium* sp. e o coqueiro (*Cocos nucifera*) para descrever como a sociedade se dota de seus elementos centrais: mulheres, tecelagem, alimentos, betel, apetrechos de pesca... Estabelecem assim uma ordem que opera na escala de toda a ilha e que é, com toda probabilidade, o mais recente, o que poderia ser comprovado pela permanência até hoje das diferenças dialetais.

Para explicar as condições específicas de cada um dos grupos assim criados, alguns habitantes recorrem à metáfora do porco que os três irmãos teriam compartilhado. O segundo irmão e o caçula teriam recebido respectivamente as pernas dianteiras e traseiras, seja os membros que se movimentam na corrida e que lembram a velocidade da água que jorra das muitas nascentes dos dois territórios. O primogênito teria recebido o tronco do porco, assimilada à uma água que escorre com parcimônia das mamas e que deve ser recolhida com uma copa.

ORIGENS LOCAIS SINGULARES

Estas narrativas “heroicas” coexistem com outras narrativas da origem porém numa escala mais local. Os três personagens baixaram do Monte Manucoco quando o mar se retirou e percorreram a ilha. Descobriram ou deram luz a outros personagens que, por sua vez, deram luz, direta ou indiretamente, a algumas das *casas* atuais. O irmão mais velho semeou ao longo de seu caminho sementes (frutas cítricas e melancia) e objetos (a bainha de um sabre) que deram origem a grupos humanos. Lekitoko, o segundo, iniciou uma viagem pelas encostas íngremes do monte de origem, e revelou a humanidade de vários elementos da natureza que configuram o mundo atual de Maquili, composto por doze *casas*. Na área de Macadade, a do mais jovem, a conexão com a figura fundadora permanece mais obscura, e as sete *casas* atuais parecem ter inicialmente constituído sete entidades distintas, cada uma evoluindo em

seu próprio território, e que apenas recentemente se teriam federadas. Os relatos de origem destas *casas* se referem a elementos da natureza (pássaros, árvores, cabras, gramíneas, conchas, golfinhos e peixes...) que parecem traduzir um enraizamento, mas também um encontro ou uma origem externa⁷. Os ancestrais da casa Ruma Lari em Macadade nasceram da erva *lari* (*Imperata cylindrica*) e se tornaram humanos quando uma mulher, Bimali Meta (“Bimali a Negra”), os adota e os alimenta. Em Maquili, a *casa* de Luli nasceu do bambu *bafulu*, a de Tutun Laodai da ostra-gigante (*Tridacna* sp.), etc.

As inúmeras recordações dos elementos da natureza que se tornaram humanos, ou aliados dos humanos, poderiam evocar à sua maneira os múltiplos encontros entre ocupantes anteriores e recém-chegados, e também uma forma de amansar um ambiente difícil.

UMA SUCESSÃO DE POPULAÇÕES?

Em Macadade e Maquili, a maioria dos habitantes ainda conhece as grandes linhas dos relatos unificadores que envolvem os três irmãos, e das origens locais ligadas às trajetórias de cada uma das *casas*. Entretanto, esses relatos deixam de lado certos episódios de uma história local menos consensual, até mesmo dramática. De modo recorrente nas entrevistas, são mencionadas populações “diferentes” das atuais *casas*, muitas vezes descritas como “não-humanas”, tais como os Kmetik Molas⁸ (com caninos alongados, ou parecidas com as dos porcos, corpos gigantescos, cabeças enormes, etc.), que eram “devoradores de homens”. Outras têm um estatuto mais ambíguo, como os Pikhnutun (que eram negros e comiam carne humana). Outros

⁷ As casas são federadas em torno de funções específicas: *Kapitan* e *Mangitu* são casas de reis, *Duaperetoe* controla o mar e as ondas, *Pipideli* é responsável pelos relâmpagos e trovões, *Rumanokron* da chuva e do vento, *Ruma Lari* da guerra e *Ruma Paz* tem “o poder da cruz” trazida pela religião católica. Esta organização é peculiar à Macadade e não parece ser encontrada nem em Maquili nem em Beloi.

⁸ O significado desta palavra não pôde ser determinado. Alguns apresentam o *Kmetik Molas* como os avatares terrestres de grandes predadores marinhos, como os tubarões, deixados para trás pelo recuo do mar seco.

ocupantes anteriores são descritos como humanos, porém não são “diferentes”, como os Takngan que matam os humanos mas não os comem. Esta natureza diferente, danosa e até mesmo “diabólica” justifica que se tenha aniquilado essas populações.

Esses seres poderiam ser considerados como criaturas de lenda, os ogres ou os trolls de Ataúro, mas parecem se referir a uma realidade mais tangível. A respeito dos Kmetik Molas, há muito poucos lugares na ilha onde eles não estiveram presentes. Se diz deles que teriam vivido em cavidades na terra, cavernas ou abrigos rochosos, ou simplesmente em buracos no chão; ocuparam vários espaços (um sumidouro ou uma caverna, a vertente de um morro, uma floresta...); também dizem que teriam vivido em paragens mais ajeitados em direção a Dori, ou a Doru, e que ainda são portadores de uma potência perigosa; aparecem numa série de narrativas nas quais vários lugares são designados como sendo o teatro de acontecimentos. Eles apareciam e desapareciam como por magia, surgindo para matar e comer os humanos. Apenas feitiçarias poderiam matá-los. Uma história famosa na ilha é a de Bui, uma mulher grávida, a única representante de uma população que havia fugido ou sido exterminada e que, perseguida pelos Kmetik Molas, se refugiou no centro de uma rocha, onde deu luz a dois meninos que cresceram ali, e a quem ela ensinou os saberes mágicos da forja. Este conhecimento e sua astúcia permitiram aos dois rapazes de acabar com os últimos Kmetik Molas em um lugar famoso na ilha, Pilarilin, acima de Berau, onde os numerosos cacos espalhados pelo espaço considerado como um campo de batalha são interpretados como vestígios quebrados de objetos que pertenceram aos ogres. Todas as narrativas relativas ao Kmetik Molas, de fato, descrevem uma substituição de populações por outras que traziam com elas vantagens técnicas, notadamente o ferro, importância enfatizada nos relatos.

Outro conjunto de narrativas indica como o ou os grupo(s) descrito(s) como os “Takngan” também foram quase exterminados e seu território confiscado. Os Takngan teriam ocupado o maciço de Harak Opun (“o mestre do oeste” seja o velho cone vulcânico no sudoeste de Ataúro). Três *casas* de Macadade, estabelecidas no maciço oriental (Timur Opun), teriam planejado se livrar deles. Depois de um massacre, os Takngan sobreviventes se refugiaram no amplo abrigo rochoso de Ili Hatu Tutun; no entanto os chefes das três

casas usaram sua magia para “soprar” samaúmeiras (*Ceiba pentandra*) sobre o abrigo, cujas enormes rochas, fragmentadas pela queda de árvores, caíram sobre os fugitivos. Todos morreram salvo uma mulher grávida que só teve uma orelha arrancada. Um relato bem conhecido descreve como esta mulher com a orelha cortada (*Kilikmau Kelingapa*) usou várias estratégias para escapar, perseguida pelos três reis tocando uma harpa de mandíbula mágica que lhes revelava seu caminho. Os habitantes de Adara, onde ela é pega pelos três reis, acabam pagando um “preço de noiva” para que tenha a vida salva. Após o massacre dos Takngan, as *casas* de Macadade se instalaram no maciço conquistado, com suas nascentes perenes, e precisamente a mais importante delas, Takngan⁹. Os descendentes da mulher com a orelha cortada foram para a *casa* Etanga (Takngan) em Akrema, do outro lado da ilha.

Estes relatos revelam uma antiga geoestratégia em diferentes escalas, caracterizada por uma versatilidade das alianças entre os três grupos linguísticos: os Takngan obtêm o apoio de Maquili contra as *casas* de Macadade; Maquili e Mandroni são inimigos, exceto quando se trata de aliar-se contra Macadade, com o apoio dos Portugueses... No âmbito de um mesmo grupo linguístico, as lutas não são menos duras: Akrema teria causado o afundamento de uma canoa de Arlo que, a caminho da ilha vizinha de Liran, teria recusado pedir o direito de passagem (sinal de uma territorialidade marítima também tensa) e massacrou a tripulação; Arlo, em retaliação, exterminou a população de Akrema. A história de Akrema pode ser resumida por sucessivas extinções e povoamentos¹⁰, que deixam entrever o difícil passado da ilha, particularmente da sua parte norte.

Entretanto, seria errado pensar que esta situação de conflitos e conquistas sempre prevaleceu. A frequente presença, em vários locais da ilha, de fragmentos de obsidiana (cuja fonte provavelmente está nas proximidades de Macadade) e cacos de cerâmica (a única argila adequada para cerâmica

⁹ De outro grupo, o “Pikhnutun cannibais”, sabe-se que eles ocupam toda a zona oeste e norte, perto da costa, mas ainda faltam informações para entender como este grupo foi eliminado.

¹⁰ Os relatos dos informantes de Akrema descrevem três “fases” na história do assentamento em sua área: a primeira extinção teria sido causada por uma epidemia; a segunda, pelo massacre, por um navio de Ternate, da população intoxicada com o vinho da palmeira *Borassus*; a terceira, pelos guerreiros de Arlo.

encontra-se em Arlo) atesta a intensidade dos intercâmbios, e põem à luz uma especialização, ainda ativa, das diferentes áreas. Maquili é especialista em escultura de madeira, Macadade na produção de objetos de metal¹¹ e Arlo na fabricação de cerâmica; mercados situados em locais específicos (figura 1) permitiram intercâmbios codificados dessas produções, assim como o de peixes e produtos costeiros em troca de alimentos das terras altas. As alianças matrimoniais foram a principal oportunidade para essas trocas, as regiões do norte, onde os alimentos eram escassos, prescrevendo, segundo os informantes, grandes quantidades de alimentos no preço da noiva.

COMO VIVER SEM ÁGUA

No decorrer das entrevistas, os líderes das *casas* listaram uma série impressionante de lugares que testemunham a história movimentada de sua *casa*, com deslocamentos, conquistas e despejos, mas também alianças e trocas. Os lugares conhecidos como marcadores de etapas da migração do clã incluem alinhamentos de pedra, antigas bases das casas, terraços onde aparece a marca de antigas habitações e onde fragmentos de cerâmica e de conchas de cerâmica são espalhados pelo solo. Além desses lugares documentados pela tradição oral, há outros que não estão associados a uma história singular, e onde cacos de cerâmica, lascas de pedra, especialmente de obsidiana, e sempre conchas em quantidades variáveis, podem formar verdadeiros montículos. As antigas ocupações aparecem assim particularmente densas e diversificadas, mesmo em áreas sem acesso próximo à água. Informantes dizem que, no passado, a falta de água era compensada por uma alimentação essencialmente fundamentada na seiva de uma palmeira (*Borassus flabellifer*), mariscos e outros produtos do mar, e outros vegetais mais ou menos espontâneos: tubérculos e especialmente inhame, *Dioscorea* spp., *Canarium* sp., sagu de *Corypha utan* (Guillaud et al., 2013). Essa economia está relativamente bem documentada nessa região das ilhas do sudeste da ásia. Referindo-se ao trabalho de James Fox (1977),

¹¹ Em particular o *Osalolo*, as grandes “setas” metálicas utilizadas na composição do “preço da noiva” a ser pago no momento das alianças de casamento.

Claudine Friedberg escreve a respeito dos habitantes da ilha grande de Rote: “até se comentou [...] que eles não comiam, tanto que davam a impressão de que só se alimentavam bebendo” a seiva de *Borassus flabellifer*, cuja presença se deve a uma “forma altamente especializada de colheita” (1979, pp. 202-203). Vischer (2006) relata a respeito da pequena ilha de Palu’é ao norte de Flores, que cobre metade da área de Ataúro, que a ausência total de água para beber é compensada durante a longa estação seca pelo uso da seiva do *Borassus*, a água para cozinha sendo oriunda provavelmente da seiva de outras árvores ou de bambu. Essa palmeira sem dúvida permitiu que as pessoas se libertassem parcialmente das restrições da água, pelo menos nos períodos históricos em que sua exploração é atestada.

Neste contexto, não é de se estranhar que a palmeira *Borassus*, tuak nos idiomas locais, palavra que também designa o vinho feito dela (a seiva fermenta em poucas horas), ocupe um lugar de destaque nas histórias e que esteja presente em todas as paisagens. Os Takngan, pensando que ia encontrar seu inimigo à sua mercê no alto de um *tuak*, foram atraídos numa armadilha e massacrados. Tensões em torno deste recurso teriam forçado algumas casas de Maquili a migrar para áreas menos povoadas, onde a palmeira era abundante. A narrativa do povoamento de Akrema envolve um personagem, Kamiputi Loi, escondido durante o dia nos relevos do Tuakemói, atrás da costa, por medo de ataques de navios ou inimigos, e que descia à noite nos palmeirais do litoral para extrair a substancial seiva. A importância da palmeira pode ser lida na paisagem mesmo de Tuakemói, nas alturas, cujos diferentes setores foram designados pelas diferentes partes da palmeira: um dos vales é assim designado como o tronco da palmeira; outro como as folhas; outros ainda como a inflorescência jovem, como a inflorescência madura, aquela que pode ser incisada e prensada para obter o vinho, e finalmente como a flor já sangrada... De lugar em lugar encontram-se ainda as ostras gigantes (*Tridacna* sp.) utilizadas para armazenar água. O aproveitamento do *Borassus* como recurso pode ter permitido que pequenos grupos de indivíduos funcionassem com uma certa autonomia, utilizando a complementaridade entre diferentes unidades da paisagem.

UTOPIAS E PROJETOS PARA VIVER NA ILHA

Como mostra a metáfora da partilha de Ataúro, traçada pelas flechas dos três irmãos, ou pelas partes da palmeira *Borassus* utilizadas para organizar o espaço em Tuakemoi, o espaço finito da ilha invita à projetar ideais-tipos. A paisagem é, portanto, investida de valores e suas mais mínimas saliências estão integradas nas narrativas: as flechas dos três irmãos são materializadas no litoral por rochedos de forma singular; numa vertente, uma rocha calcária com dois furos é a armadilha de pesca de um desses relatos sobre as origens; não muito longe, um alinhamento de pedras em uma crista torna-se a corda para puxar essa armadilha. Cada narrativa tem seus lugares de força que a confortam; cada *casa* tem sua própria trajetória no espaço, marcada por lugares nomeados e pelos restos mais ou menos visíveis de suas sucessivas habitações, que oferecem as bases materiais para uma apropriação do território. Rochedos, relevos, árvores e os fundamentos das habitações constituem provas de apropriação, encenação dessas narrativas e meios mnemônicos para que sejam transmitidas às atuais e futuras gerações.

A ilha é uma miniatura do mundo. Microcosmo, ele se nutre de aportes de fora, integrando-os na sua identidade e nas suas narrativas. Os habitantes de Ataúro se posicionam no centro do país e do universo. Vários relatos explicam o importante papel desempenhado por Ataúro na história antiga de Timor. Perto de Dili, um dos três famosos lagos de Tasitolu, cuja água tem a reputação de reagir aos alvoroços do país, estaria ligado a Ataúro e sua água se tingiria de vermelho em caso de tumultos na ilha. Outro relato de origem diz que “*todos os povos e todas as riquezas do mundo*” teriam estado presentes em algum momento na ilha, criados pelo demiurgo Morua Aran a partir de terra, madeira e pedra, em um lugar específico na base do Manucoco, onde três grandes pedras representam a fogueira que cozinha os alimentos dessa primeira humanidade.

Mas quais são as representações que o mundo exterior faz da ilha hoje? Um novo conjunto de questões está surgindo, inspirado em recursos até então desconhecidos. Nas últimas duas décadas, uma pequena atividade turística surgiu no litoral entre Beloi e Vila, e várias eco-hotéis foram criados por iniciativa

de ocidentais, e por alguns moradores locais. As modestas estruturas propõem a uma clientela de expatriados de Dili, e cada vez mais a turistas ocidentais ou asiáticos, atividades de descoberta através de mergulho nos recifes de coral da ilha. Em 2016, a ONG Conservação Internacional confirmou o excepcional valor de sua biodiversidade, um *hotspot* que está na origem de uma verdadeira efervescência em torno da ecologia marinha, atraindo especialistas internacionais e funcionários dos ministérios responsáveis pela pesca, membros de ONGs internacionais, estudantes de biologia marinha e voluntários, e até mesmo empresários que vêm para explorar as perspectivas turísticas desse mergulho.

As instituições locais também têm seus projetos, especialmente em turismo e ecoturismo, dos quais os habitantes de Ataúro esperam muito, especialmente para desenvolver infraestruturas (água, estradas, telefonia) e empregos. Mas resta a ver como essa rica mitologia insular, por enquanto fora do campo de visão dos planejadores, irá ao encontro das realidades do desenvolvimento.

AGRADECIMENTOS

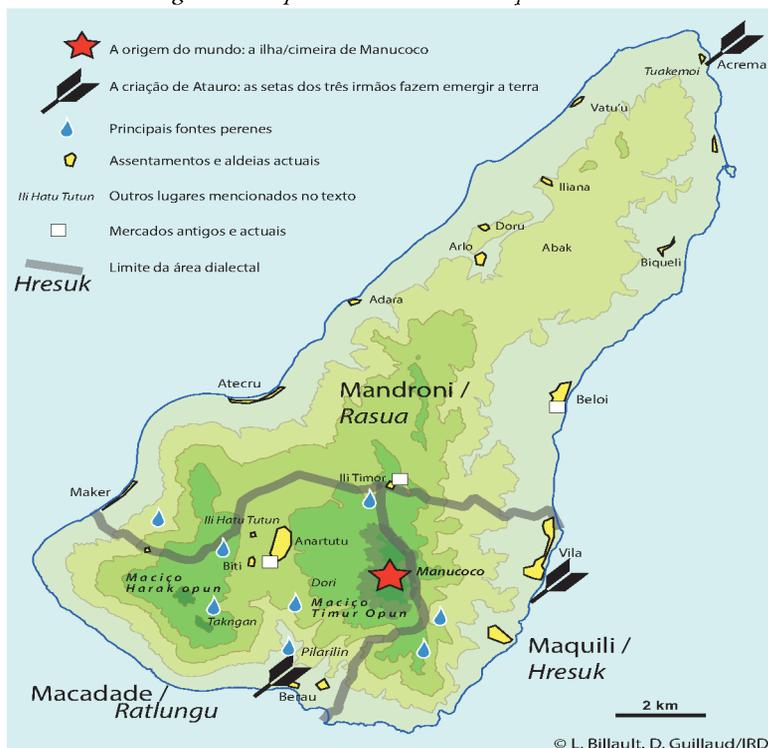
Este trabalho foi realizado no âmbito de um acordo de cooperação entre o IRD e a Secretaria de Estado da Arte e da Cultura, e gostaria de agradecer aos seus sucessivos diretores, a Sra. Cecília Assis e o Sr. Manuel Smith.

LISTA DE INFORMANTES:

Ermenegildo Sousa de Araujo, Anartutu; Agosto Soares, Anartutu; Rodolfo et Teresina de Araujo, Biti; Martino da Silva, Akrema; Jose Castilho, Dori; Adriano de Araujo, Anartutu; Carlito de Jesus, Anartutu; Tomas Soares, Anartutu; Francisco de Souza Araujo, Anartutu; Antonio Comacose, Tonglory; Feliciano Soares, Ili Timor; Daniel Martins, Biqueli; Jeremias Gomes, Kitali; Miguel de Araujo, Watu'u; Daniel Alves, Berau; Lucas Soares, Berau; Ruben da Cruz, Biqueli; Abel et Ageu da Costa, Akrema; Bernardo Belo, Akrema; Moises da Souza, Atekru; Alfonso Soares, Atekru; Simon et Esperanza Marsal, Adara; Francisco de Araujo, Doru; Antonio Soares, Adara; Leonito

Marianonis, Anartutu; Nuno de Souza Araujo, Anartutu; Antoni Soares, Tuaharu; Julio Gomes, Biqueli; Patricio de Jesus Cabezas, Maquili; Antonio de Jesus Cabezas, Maquili; Isaac de Araujo Soares, Maquili; Domingos do Carmo Soares, Maquili; Augustino Gomes, Maquili; Manoel Soares, Maquili; Tomas Gomes, Taklo; Martino et Clementino Pereira, Taklo; Antoni Soares, Anartutu; Lino Lopes, Maquili; Domingos Sabio, Maquili; Miguel Pereira et Lucas de Souza, Abak; David et Marcos Soares, Watu'u; Marcos Martins, Arlo; Antonio Diaz, Arlo.

Figura 1 - mapa de Ataúro / Fonte: arquivo do autor



REFERÊNCIAS

Barraud, C. (2015). Parenté, alliance, maisons dans l'Est insulindien: l'école néerlandaise et sa postérité critique. *Archipel* 90, pp. 217-244.

Bourke, R. M. (2009). The history of agriculture in Papua New Guinea. In Bourke R. M. & Harwood T. (eds), *Food and agriculture in Papua New Guinea*. Canberra ANU Press.

Clark, M.; May, S. K. (2013). « 1. Understanding the Macassans: A Regional Approach. In Clark M. & May S. K. (eds), *Macassan History and Heritage: Journeys, Encounters and Influences*. ANU Press, Canberra: 1-19. <https://www.jstor.org/stable/j.ctt3fgjzc.3>

Ely, K. S. (2009). Geochronology of Timor-Leste and seism-tectonics of the southern Banda Arc. *PhD thesis*, Science - Earth Sciences, The University of Melbourne. https://minerva-access.unimelb.edu.au/bitstream/handle/11343/35296/252610_Ataura_09A3.pdf?sequence=3

Fox, J. J. (1977). *Harvest of the Palm, Ecological Change in Eastern Indonesia*. Cambridge/London: Harvard University Press.

Friedberg, C. (1979). James J. Fox, Harvest of the Palm, Ecological Change in Eastern Indonesia. *Archipel* 17, pp. 202-207.

Galipaud, J.-C. (2015). Réseaux néolithiques, nomades marins et marchands dans les petites îles de la Sonde. *Archipel* 90, pp. 49-74.

Galipaud J.-C.; Guillaud D.; Kinaston R. (2016). Aleti Tunu Bibi: Contextualizing a New Rock Art Site in East Timor and the Wider Asia-Pacific Region. *Asian Perspectives*, Vol. 55, pp. 128-147.

Guillaud, D. (2015). Le vivrier et le sacré. Systèmes agricoles, rituels et territoires dans l'Est indonésien et à Timor-Leste. *Archipel* 90, pp. 245-274.

Guillaud D.; Emperaire L.; Bustamante P. (2013). Heritage, Agro-Biodiversity and the Local Populations: Some Examples from the Use of Palm-Trees in East Timor. H. Loney et al. (eds), *Understanding Timor-Leste 2013*, vol. II. Dili: TLSA, pp. 183-189.

Leite de Magalhães, A. (1916). *A Ilha de Atauro. Notícia sobre a ilha e seus habitantes, seguida de vocabulário*. Macau: Mercantil de N. T. Fernandes et Filhos, pp. 1-39.

Schapper, A. (2015). Wallacea, a Linguistic Area. *Archipel* 90, pp. 99-151.

Vischer, M. P. (2006). Precedence Among the Domains of the Three Hearth Stones: Contestation of an order of precedence in the Ko'a ceremonial cycle (Palu'é Island, Eastern Indonesia). In Fox J. J. & Sather C. (eds); *Origins, Ancestry and Alliance; Explorations in Austronesian Ethnography*. Canberra: ANU Press.